



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA (UNILAB)**

INSTITUTO DE HUMANIDADES- (IH)

CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES (B.H.U)

CARLOS HENRIQUE ALVES DE LIMA

CORPOS QUE IMPORTAM

**DIÁLOGOS (TRANS)FORMADORES: REFLEXÕES ACERCA DOS CORPOS DE
TRANSEXUAIS E TRAVESTIS E A EDUCAÇÃO**

REDENÇÃO

2019

CARLOS HENRIQUE ALVES DE LIMA

CORPOS QUE IMPORTAM

**DIÁLOGOS (TRANS)FORMADORES: REFLEXÕES ACERCA DOS CORPOS DE
TRANSEXUAIS E TRAVESTIS E A EDUCAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em humanidades (BHU) vinculado ao instituto de humanidades (IH) da Universidade Da Integração Da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como requisito final para obtenção do título de bacharelado em Humanidades.

ORIENTADORA: Prof^ª. Dr^ª Daniele Ellery Mourão

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Daniele Ellery Mourão
(Orientadora / IH UNILAB)

Prof^ª. Dr^ª. Joalice Santos Conceição
(Examinadora IH / UNILAB)

Prof^ª. Dr^ª Jacqueline da Silva Costa
(Examinadora IH / UNILAB)

REDENÇÃO

2019

TERMO DE APROVAÇÃO

Relatório de vídeo e ficha técnica de conclusão de curso, apresentado ao bacharelado em Humanidade da Universidade da Integração internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

CORPOS QUE IMPORTAM

DIÁLOGOS (TRANS)FORMADORES: REFLEXÕES ACERCA DOS CORPOS DE TRANSEXUAIS E TRAVESTIS E A EDUCAÇÃO.

CARLOS HENRIQUE ALVES DE LIMA

Data da aprovação: ____/____/____

Nota: _____

2019

REDENÇÃO-CEARÁ

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos vão a todas as travestis, em especial a Franciscana Erê, e aos homens e mulheres trans que fizeram parte desta pesquisa. Quero agradecer particularmente minha mãe, Ana Lúcia, que sempre acreditou no meu potencial e pela a sua humildade de me ensinar que a educação é um caminho elementar.

Agradeço também ao Jaime Oliveira, que fez a montagem, pela a sua atenção e dedicação; ao Giliardo Lima em memória, um amigo que tenho muita admiração; a Sara Alcântara, uma grande irmã; a Joice Lima e ao Marcos Wandebaster, pelas as palavras aclamadas; minhas graças a Anne Caroline, que deu-me apoio durante o percurso do trabalho; e ao Michel Vincent, por seu companheirismo.

Por fim, quero retribuir todo carinho as professoras: Jacqueline Costa, que é uma inspiração para mim, que me ajudar continuar acreditando na educação como potencial transformador; e a Professora Daniele Ellery, pelo o apoio e orientações.

Gratidão a todxs!

RELATÓRIO DE PESQUISA E COMPOSIÇÃO DO VÍDEO

Título do vídeo: CORPOS QUE IMPORTAM

Duração do Vídeo: 27 min

Entrevistadas por ordem de aparição:

Syssa Monteiro

Yara Cavalcante

Fafá Ferreira

Eva Oliveira

Franciscana Erê

RESUMO

O presente relatório tem por objetivo apresentar as principais discussões do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) realizado em formato audiovisual, intitulado *Corpos que Importam*, um documentário de curta-metragem sobre as discussões envolvendo cinco interlocutoras(e) em que suas falas se interseccionam e (RE)criam novas possibilidades de (RE)existências na ocupação das escolas e universidades. A pesquisa centrou-se principalmente em compreender, por meio das narrativas de pessoas travestis e transexuais sobre as suas memórias de escola, como elas(e) significam e ressignificam seus corpos e as experiências vividas no espaço escolar. Pois não é nenhuma novidade que os espaços escolares, formais e institucionalizados não são receptivos às pessoas que desviem das normas de sujeito universal, ou seja: homem, branco, heterossexual, cisgênero, classe média-alta e cristão. As interlocutoras(e) deste trabalho apontam e denunciam casos, estruturas e normas que são excludentes, violentas e que impedem de avançar na trajetória escolar. A discussão teórica presente no relatório, e nas reflexões trazidas no audiovisual, perpassam os principais conceitos presentes nas falas das interlocutoras, para obter um melhor entendimento da questão. A partir de uma perspectiva interseccional, suporte indispensável para a análise investigativa e produção desse trabalho fílmico. O relatório e o audiovisual buscam revelar (e refletir) o atravessamento de diversos discursos que se cruzam entre a ocupação do espaço educacional, ao uso do nome social, a respeitabilidade de acordo com as identidades das interlocutoras, de gênero e racial, a empregabilidade e a afetividade, também consideradas construções políticas de fortalecimentos de laços.

Palavras-chave: Interseccionalidade; Travestilidade; Transexualidade; Educação;

SUMÁRIO

1. Introdução	8
2. Determinações Binárias no Espaço Escolar e as Múltiplas Violências aos Corpos Trans: Quem Deve Estar na Escola?.....	10
2.1.1. Sempre Negam o Banheiro Para Gente!.....	12
2.1.2. Nome Social é um Direito Assegurado Para Todxs?.....	13
2.2. Mercado de Trabalho.....	16
2.3. Identidade de Gênero e Sexualidade: Aquenda Que Não é a Mesma Coisa!.....	16
2.4. Interseccionalidade Medo de Morrer por Dois Motivos.....	17
2.5. Travestilidade é uma Posição Política.....	19
2.5.1. Aquendendo as Diferenças Entre Trans e Travestis.....	20
3. Roteiro	21
4. Ensaio Fílmico	21
5. Considerações Finais	22
6. Referências Bibliográficas	24

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa de TCC, realizada em formato audiovisual, tem o objetivo de refletir acerca dos impedimentos de determinados corpos nas escolas. Nessa perspectiva, a proposta do relatório fílmico é estabelecer um diálogo envolvendo essas nuances que atravessam a escola e os corpos que ela recebe ou estrategicamente expulsa. A escola, é aqui entendida, como espaço de produção e reprodução de desigualdades, mas também como uma instituição social, marcada por tensões, que tem a função política de produzir, mesmo que comedidamente, enfrentamentos, a fim de problematizar a matriz normativa que tem excluído todas e todos que discordam dessa macroestrutura reguladora.

Esse trabalho apresenta potencial para aprofundamentos e relevância social sobre a questão da travestilidade e transexualidade na educação. Traz um recorte de raça nas identidades trans e travestis, e pontua-se a falta de preparo do corpo docente e da direção escolar em relação aos corpos que não seguem um padrão heteronormativo¹. Tem como seu objetivo legitimar a construção do ser em face da sua construção de identidade no âmbito educacional. Discute-se, através de entrevistas realizadas com travestis, homens e mulheres transexuais, a origem das barreiras que tiveram que enfrentar no percurso escolar, principalmente a questão que move todo esse trabalho, em compreender por meio das narrativas de suas memórias de escola, como elas(e) significam e ressignificam seus corpos e as experiências vividas no espaço escolar. Direcionamos esta perspectiva para o campo da educação, considerando todas essas apreensões que se intensificam com a presença de corpos, sexualidades e subjetividades que vão na contramão da matriz heteronormativa, é algo essencial e, ao mesmo tempo, desafiador.

Por tanto, realizamos a pesquisa fílmica com caráter qualitativo, que consistiu em entrevistas semiestruturadas com cinco interlocutoras(e), que serão apresentadas por ordem de aparição no filme.

¹ A heteronormatividade visa regular e normatizar modos de ser e de viver, os desejos corporais e a sexualidade de acordo com o que está socialmente estabelecido para as pessoas, numa perspectiva biologicista e determinista. (BENTO, Berenice 2006).

Inicialmente, apresentamos Syssa Monteiro, trans, 27 anos de idade, residente em Fortaleza, filósofa e professora da escola Municipal Demócrito Rocha, atua na rede municipal de ensino de Fortaleza há oito anos. Ela relembra os momentos que vivenciou na rede básica de ensino, e os seus direitos negados quando era estudante. Ela enfatiza as conquistas e superações de todos os constrangimentos e violências, e segue construindo outras possibilidades de ensino, defendendo que nenhum corpo deve ser excluído.

Yara, mulher trans, negra, tem 25 anos de idade, residente em Fortaleza, cursava moda em uma instituição privada, porém, desistiu por motivos de resistências transfóbicas, e hoje ocupa o cenário artístico como cantora. Ela ressalta que esse espaço está sendo cada vez mais ocupado por mulheres, em especial trans e travestis.

Eva, mulher trans, negra tem 21 anos de idade, residente em Pacatuba-CE, trabalha em uma agência de moda em Fortaleza. Em seu relato, ela informa que já saiu de outros empregos pelo fato de não ser respeitada de acordo com a sua identidade de gênero.

Fafá, homem transgênero, não binário², negro, tem 26 anos, residente em Fortaleza e cursa letras português na Universidade Federal do Ceará. Ele informa que a educação é o primeiro passo para que possamos acessar a nossa dignidade, é lá onde vamos aprender a refletir por nós mesmos.

Franciscana Erê, travesti, negra, tem 23 anos, e é natural de Quixeramobim, a segunda maior cidade do Sertão Central. Atualmente mora em Redenção, por motivos acadêmicos. É graduada pelo Bacharelado em Humanidades (BHU), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), e cursa Antropologia na mesma instituição.

Por fim, vale ressaltar que este relatório está organizado em tópicos temáticos, que discutem, por meio dos relatos das experiências das interlocutoras: as determinações binárias presentes no espaço escolar, com suas múltiplas violências impostas aos corpos trans, como as negações ao uso do banheiro e ao nome social, bem como as determinações e interdições do mercado de trabalho. Desse modo, pretende refletir sobre a diferença entre identidade de gênero e sexualidade, trans e travestis, e a importância da interseccionalidade para o entendimento dessas categorias e das experiências relatadas.

² Não-Binário de gênero se refere a todos os atributos que não se categorizam dentro do binarismo de gênero. Isto é, tudo que não é exclusivamente relacionado ao feminino e nem ao masculino.

2. DETERMINAÇÕES BINÁRIAS NO ESPAÇO ESCOLAR E AS MÚLTIPLAS VIOLÊNCIAS AOS CORPOS TRANS: QUEM DEVE ESTAR NA ESCOLA?

Em primeiro lugar, para discutir questões relacionadas acerca do gênero, se faz necessário refletir sobre o que é ser homem e ser mulher em uma sociedade baseada binariamente na heteronormatividade³. Ou seja, onde o aceitável e humano deve condizer com uma postura heterossexual de acordo com os papéis sociais atribuídos aos gêneros e onde se pressupõe uma continuidade entre sexo, gênero e sexualidade, pois segundo Foucault (1996) ele diz que o processo discursivo passa por regulações familiares, escolares, religiosas e judiciárias. Nesse sentido, por meio de práticas discursivas, essas instituições produzem verdades sobre os sexos, os gêneros e as sexualidades, classificando o certo e o errado, o normal e o patológico e o que está dentro e fora da norma.

Para a historiadora Guacira Lopes Louro (2008), desde o nascimento há um trabalho pedagógico contínuo, repetitivo e interminável para inscrever nos corpos, o gênero e a sexualidade normatizada, conferindo ao sujeito uma viagem com direções planejadas, sem acidentes, desvios e instabilidades. Sobre essa questão, Syssa Monteiro, relatou a partir de sua vivência, ainda quando criança e adolescente na escola pública, a seguinte explicação em relação a divisão e a pedagogia dos gêneros no espaço educacional:

Então assim, na escola além de eu não ter acesso à informação, a escola não está preparada para lidar com as diferenças, e tem também a questão das divisões cruéis de gênero, porque nas escolas tem essa determinação de gênero e é muito forte, então assim, as pessoas trans desejam pertencer ao outro gênero, que é o gênero da qual elas se identificam, mas ela é obrigada a ser segregada de acordo com aquele gênero que foi imposto para ela, então isso vai ocorrer nas filas, divisões dos banheiros, nas aulas de educação física e nas práticas esportivas. As mulheres trans se identificam com as atividades femininas, com as brincadeiras das meninas, e isso é negado a elas, então de um lado ela tem uma negação, e do outro lado ela sofre a agressão e violência, porque ela vai sofrer a violência no grupo em que ela está. (Syssa Monteiro)

Podemos perceber, na fala da Syssa, uma das denúncias, aos espaços demarcados e nutridos pelos fortes discursos das ciências biológicas em relação ao gênero, é que eles enfatizam que só existem dois sexos: masculino/macho e feminino/fêmea, não havendo possibilidades de transitar entre eles. Isso se dá, segundo a biologia, com o reforço de um forte conservadorismo religioso, o que determina o ser, homem ou ser mulher, como uma condição genética, ou seja, pela soma dos cromossomos com a marcação através da genitália e o aparelho

³ Ler: BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença (2011).

reprodutivo, e isso também será aplicado nos espaços educacionais, como ela mesmo menciona, com suas demarcações cruéis.

Berenice Bento (2012) define a transexualidade como “uma experiência identitária, caracterizada pelo conflito com as normas de gênero”. Na fala da Syssa podemos perceber os conflitos na escola, onde ela tinha que exercer as funções e atividades “masculinas”, jamais podendo transitar e realizar as atividades das quais preferia. Diante disso ela é forçada a se ausentar das atividades da escola, por exemplo, as aulas de educação física.

Porque a escola não tinha um preparo, assim quem é de escola pública dificilmente vai ter acesso a psicopedagogos, psicólogos, orientador educacional e assistente social e na minha época não tinha pelo fato de ter estudado em uma escola estadual, então assim, para mim foi muito complicado, a minha sorte foi que eu tive o apoio da minha família para poder me ajudar, e no início foi bem complicado. (Syssa Monteiro)

Nos cruzamentos dos discursos, Fafá, que sempre estudou em escolas particulares por ter ganhado bolsas de estudos, e Syssa, por ter estudado em um colégio estadual, denunciam a mesma carência da falta de suportes das escolas em relação a transexualidade:

Quando a sociedade diz que certas pessoas não tem o direito de estar na escola diretamente ou indiretamente, de não dá acesso ao nome, seja porque não dá acesso a um banheiro, simplesmente por não dar uma atenção para aquela pessoa, de não dar suporte psicológico, e não oferecer respeito para que as pessoas estejam nas escolas, é uma forma de dizer que elas não vão fazer parte do mundo. (Fafá)

Nota-se que independentemente do contexto das escolas, havia algo em comum: o preterimento dos corpos trans com o total abandono, e os impedimentos de seus corpos ao nome social, uso dos banheiros e a respeitabilidade conforme as suas identidades de gênero.

A educação é o primeiro passo para que possamos acessar a nossa dignidade, é lá onde vamos aprender a refletir por nós mesmos, e ver como podemos fazer para que possamos mudar a sociedade, para que essa sociedade nos acolha, é dúbio mesmo, de nos tirar da escola porque também entendemos muito bem o nosso papel social, se a gente for avaliar, onde está a maioria das pessoas transexuais na universidade, a gente vai entender que a escolha profissional está muito aliada a um modelo de papel social que quer exercer no mundo. (Fafá)

Fafá indica que a escola é um lugar ambíguo, um lugar de violências aos corpos que resistem e constroem outras possibilidades de ser no mundo, para além do padrão heteronormativo e binário, mas, que ao mesmo tempo, é um espaço de transformações sociais e de acesso a dignidade, e aponta que as poucas mulheres e homens trans e travestis que estão na escola, seja de ensino básico ou superior, compreendem a sua função social como agentes de transformações.

2.1.1. SEMPRE NEGAM O BANHEIRO PARA GENTE!

Os espaços educacionais deveriam ser espaços de acolhimento para a diversidade, mas infelizmente não é. Pude perceber essa questão nas falas de todas(o) as(o) interlocutoras(e) deste trabalho, assim também como no trabalho de pesquisa da Prof. Luma Andrade, intitulado, Travestis na escola: Assujeitamento e resistência à ordem normativa. Uma das metodologias usada no trabalho investigativo da Luma Andrade (2012), foi aplicar questionários tanto para alunos como para professores, em que a maioria respondeu que a travesti deveria usar o banheiro masculino pelo o fato de ter um pênis, sem levar em consideração as identidades de gênero. Como podemos perceber na fala da Yara:

Eu percebia obviamente que o colégio inteiro era contra mim, os olhares e tudo mais, e eu acho que começaram a reclamar na diretoria alguma coisa do tipo, enfim não deixaram eu usar o banheiro, o que sempre acontece infelizmente, sempre negam o banheiro para a gente, e daí eu lembro que, chegaram a oferecer para eu usar o banheiro dos professores da diretoria, sei lá, alguma coisa do tipo. Mas acaba que eu nunca usei, eu sempre deixei de usar banheiro fora de casa. (Yara)

Yara informa que deixou de usar os banheiros públicos pelo fato dos constrangimentos, especialmente na escola. São negações simbólicas, pois diretamente, tem uma mensagem nessa dificuldade ao acesso ao banheiro, ou seja, estão afirmando e legitimando que esses corpos não são bem-vindos, e as perseguições são constantes seja dentro da sala de aula por professores(a) com a resistência de chamar pelo o nome de registro, ou seja nas negações ao uso do banheiro conforme as identidades de gênero.

2.1.2. NOME SOCIAL É UM DIREITO ASSEGURADO PARA TODXS?

Em 2016 a ex-presidenta da república Dilma Rousseff assinou um decreto de autorização da inclusão do nome social em todos os órgãos de poder público e federal. A partir de então ficou “permitido” que as pessoas usassem o nome social em formulários e crachás de identificação, tornando visível aquelas pessoas que ficavam encobertas por um nome, e não por ser sua identificação real.

É uma das questões mais importantes para todas as(o) entrevistadas(o) do documentário, do uso do nome social, que todas(o) responderam que é uma forma de humanização e de reconhecimento no mundo, e infelizmente os discursos acabam sendo os mesmos, perpassados pela negação e resistências. Como podemos analisar no trecho a seguir:

Lembro que em um semestre eu estava matriculada em oito disciplinas, e depois solicitei o nome social e demorou dois meses para que ele fosse atualizado no sistema, então toda aula eu tinha que estar chegando nos professores e me justificando: ‘olha quando chegar nesse nome, é para me chamar dessa forma’. Então tem muita resistência, nós temos um decreto federal que a ex presidente assinou em 2016, então ele nos garante o nome social na administração pública federal e nas universidades federais, algumas estão até avançadas em relação ao nome social no sistema, porque quando nós solicitamos o nome social, aparece apenas o nome social, então ninguém vai ter acesso ao seu nome de batismo, nem os professores, nem nas inscrições de trabalho em nenhum lugar, porém, tem universidades que vem entre parênteses ao lado do nome de batismo. Nas particulares ainda tem muita resistência em relação ao nome social, então assim é uma política que precisa avançar muito, que ainda tem muitos problemas. (Syssa Monteiro)

Syssa durante as nossas conversas relatou seus enfrentamentos quando estudava na Universidade Federal do Ceará (UFC), e os constrangimentos de se justificar para todos(a) os professores(a) nas oito disciplinas matriculadas, ela informa que era um direito seu que estava sendo negado, e aponta as resistências de algumas universidades que se negam a respeitar o uso do nome social, optando por colocar o nome social em segundo plano e com aspas, podemos analisar que as resistências são constantes.

A questão do nome social é uma política importante, porém é uma política que precisa avançar muito, ao começar por exemplo, alunos que são menores de idade que estão na escola, eles só podem fazer o uso do nome social só se os pais autorizarem, e também tem a problemática que na maioria das vezes ele vem apenas entre parênteses junto com o nome de batismo, e os professores acabam não respeitando, e chamam pelo o nome de batismo, e os próprios professores acabam por não receberem a orientação, pois não entendem que aquele nome de batismo, tem resistência ao não chamar pelo o nome social (Syssa Monteiro)

Syssa reivindica o melhoramento na política do uso do nome social no âmbito escolar e faz o recorte das(o) que são menores de idade, e que precisam das autorizações dos pais como, por exemplo, a persistência dos professores em continuarem a chamar os alunos(a) pelo o nome de batismo. Com isso ela destaca uma questão estrutural da transfobia, pois se os professores não têm a “capacitação e informações” sobre a questão da transexualidade fica difícil eles(a) começarem a respeitar as identidades de gênero dentro do espaço escolar. E isso é algo que também perpassa os pais, uma vez que eles não têm acesso as informações necessárias, acabam não autorizando o uso do nome social.

A UFC já tinha uma portaria que trata sobre o nome social e foi discutido, com o consuni o conselho universitário, já tinha essa portaria lançada, foi muito tranquilo eu só precisei ir na pró-reitoria e requerer isso pelo o documento, que foi rápido, pois em questão de uma semana já estava tudo trocado no meu histórico, na minha declaração de matrícula. Isso também dá acesso a outras coisas na cidade, por exemplo em fortaleza nós temos direito ao uso do nome social, ao nosso nome na carteirinha, então com os documentos trocados na universidade eu consegui também ter esse acesso no município, porque também é importante, porque também me coloca em um lugar de conforto, por exemplo, eu não preciso ficar chegando em professor em professor e ficar pedindo: ‘olha o meu nome é esse, você pode anotar’. A universidade tratou disso, tudo vai com o meu nome certinho, não preciso ficar convencendo cada professor a me tratar do jeito que sou. (Fafá)

Fafá já teve maiores “facilidades” em relação a Syssa em que teve que resistir a todas as formas transfóbicas dentro da UFC, e diz ter lutado dentro da universidade para ser respeitada e reconhecida com sua real identificação. A sua luta ocasionou mudanças positivas aos que ainda iriam ocupar este espaço. Syssa durante a entrevista, comentou que hoje em dia na UFC a questão da transexualidade, é tratada de forma mais “natural” do que antes quando adentrou na instituição. E que em agosto de 2017 recebeu o diploma especial de alto desenvolvimento em filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Depois de ter trancado inúmeras vezes a faculdade, após inúmeras negações de direitos ao acesso ao seu nome social, apesar de todo esse trajeto de violências e negações a sua corporalidade e identidade. Syssa informa que é prazeroso saber que é uma referência, para outras mulheres trans e travestis. Que desafiou a

transfobia institucional⁴, e que continua, pois como ela mesma informa: “É uma eterna luta, uma eterna resistência.”

Na faculdade foi a questão do nome em si, porque eu ainda não tinha a retificação do meu nome, e a faculdade em princípio tinha a chamada no papel, tipo nos primeiros dias de aula, aí a cada professor eu ia pedir e implorar para colocar o meu nome do lado, e ainda dava certo porque era no papel. Apesar de tudo isso de ficar implorando para que o professor entenda e tal, mais pelo menos era mais fácil, pois era no papel, aí no meio do semestre, eles modificaram o sistema, aí começou a ser tudo online, menina! Eu só não levava falta, porque eu esperava a aula todinha acabar, esperava todos irem embora, aí eu ia falar com o professor: ‘professor é porque não é bem assim o meu nome’. (Yara)

Yara aguça suas estratégias para não sofrer os constrangimentos dentro da sala de aula de uma faculdade particular, e demonstra uma situação que vivenciou em relação a chamada de frequência, ela informa que antes era mais fácil pelo fato de ser no papel, podendo ir pedir ao professor para colocar o seu nome do lado, ao invés de ser chamada pelo o seu nome de registro, mais quando a chamada passou a ser online, a situação ficou mais complicada para ela solicitar ao professor(a) para colocar o nome do qual se reconhece, pois pelo o fato de ser online não dava para colocar o seu nome do lado, e para não sofrer intimidações esperava a aula terminar para poder falar com o professor, e diante dessas negações, dificuldades e constrangimentos priorizou a sua saúde mental, e decidiu sair deste espaço.

É totalmente tóxico, porque você está ali e você não conseguir minimamente ter o seu nome respeitado, a gente vive nesse lugar da não existência, e em todos aspectos a gente está falando da educação, mas é um problema estrutural. (Yara)

Yara chama a atenção para a questão da transfobia estrutural⁵, e indica os seus desgastes de não ser respeitada, de não ter a sua humanização, como reclama o lugar da não existência, e esses foram os motivos que a fez a sair desse espaço educacional, como ela mesma informa: um lugar totalmente tóxico.

⁴ Além da violência verbal e física que mulheres e homens trans e travestis enfrentam diariamente nos espaços educacionais, muitos delas(e) ainda sofrem com a invisibilidade. Isso acaba impulsionando a transfobia institucional, ou seja, situações em que a pessoa trans e travestis passa por constrangimentos e preconceito nas instituições públicas ou privadas.

⁵ Para Yara, a transfobia deve ser encarada como um problema estrutural e estruturante da sociedade brasileira.

2.2. MERCADO DE TRABALHO

O mercado de trabalho foi outro ponto destacado pelas narrativas. Visto como um veículo de inserção social e de dignidade, mas que da mesma forma nega o espaço e oportunidade trabalhista para trans e travestis de forma humanizada.

As mulheres trans e travestis tem a dificuldade de concluir a escolarização básica, e sofre preconceito no mercado de trabalho, o único local que absorve as mulheres trans e travestis é o mundo da prostituição, não que seja um demérito se prostituir, mas o problema é a questão da obrigatoriedade, pois nem todas se identificam com essa função, atividade. Então nós lutamos para ter outros espaços (Syssa Monteiro)

Segundo dados brasileiros informados pela ANTRA (Associação Nacional De Travestis e Transsexuais), 90% das mulheres trans e travestis estão na prostituição. Nós estamos falando de uma população que 90% se prostitui para sobreviver, e 82% não concluiu o ensino básico, ou seja, um número altíssimo de uma população que não conclui a escola.⁶

2.3. IDENTIDADE DE GÊNERO E SEXUALIDADE: AQUENDA⁷ QUE NÃO É A MESMA COISA!

A proposta de Judith Butler (1990) é que se entendam as identidades de gênero como construções performáticas: o gênero é construído e mantido em sua estrutura binária por meio de uma repetição estilizada de atos ou de performances. Os atributos do gênero não são expressivos, e sim performativos, isto é, não há uma identidade preexistente ao ato que a repete e institui. São repetidos ao longo do tempo, as construções performáticas que são normas subjetivantes, produzindo efeitos de realidade que acabam sendo percebidos como fatos. Foi

⁶ Dados obtido através do Dossiê dos ASSASSINATOS e da violência contra TRAVESTIS e TRANSEXUAIS no Brasil (em 2018).

⁷ O pajubá é uma linguagem utilizada pela comunidade LGBT, provém da língua religiosa pregada no Candomblé, origem no Nagô e Yorubá. é uma língua única, constituída por um grupo de falares regionais concentrados no sudoeste da Nigéria [...] e no antigo Reino Quero [...] hoje, no Benim, onde é chamada de nagô, denominação de linguagens de matizes africanas (CASTRO, 2005, p. 3) O termo aquendar vem do pajubá significa olhar, paquerar, mas também pode ser usado como transar. Pode ser entendido ainda como prestar atenção, pegar e esconder.

desse modo que a repetição da diferença sexual foi transformando a contingência dos sexos em uma divisão sexual cristalizada, rígida, com aparência de classificação natural.

Existe a identidade de gênero que é da forma como você se identifica, e a forma interior como você se identifica, e orientação sexual que no caso são coisas diferentes, é com quem eu vou me relacionar, eu sou mulher trans, no caso a minha identidade de gênero é ser uma mulher trans, mas eu posso ficar com homens posso ficar com mulheres, posso ficar com gays, posso ficar com qualquer tipo de pessoas, e isso não me torna menos trans. (Eva)

Eva reforça as diferenças entre identidade de gênero e a sua sexualidade que habitualmente a sociedade coloca tudo no mesmo sentido, pois a sexualidade é o resultado da interação do mundo interno e externo, da nossa subjetividade. Ela envolve um processo contínuo e nem sempre linear de aprendizado e reflexão, por meio do qual elaboramos a percepção de quem somos e do que somos; processo este que se desdobra em meio a condições históricas, sociais e culturais específicas. Nascemos com um sexo biológico. Todo o resto se constrói e vai se formando ao longo da vida. Por isso, as expressões da sexualidade humana são tão diversas (FACHINNI & SIMÕES, 2006). Sexualidade é algo que se aprende. Nessa combinação infinita é que construímos nossa sexualidade, expressando, orientando e dirigindo nossos desejos afetivo-sexuais.

Eu sou uma pessoa transgenera não binaria, isso quer dizer que eu não me identifico em nenhum gênero estabelecido socialmente, como feminino ou masculino, e estou para além disso, eu me entendo assim, mas prefiro os meus pronomes ele, dele. (Fafá)

Fafá diz estar para além do binarismo de gênero, contudo reivindica a sua identidade masculina, e seu tratamento no masculino como evidenciou durante nossas conversas: “prefiro os meus pronomes no ele, dele”. Desse modo, Fafá estabelece sua identidade de gênero não binário.

2.4. INTERSECCIONALIDADE MEDO DE MORRER POR DOIS MOTIVOS

Já sobre a discussão sobre interseccionalidade, o tema tem ocupado um espaço importante na pesquisa de gênero. Pois, segundo Kimberlé Crenshaw (2002, p.177), “a interseccionalidade é uma conceituação, do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação, entre dois ou mais eixos de subordinação”. Kimberlé

propõe que, o centro do poder estabelecido pelo patriarcado, pelo racismo e pela luta de classes estão na encruzilhada, que define a multiplicidade de opressões às quais a pessoa estará submetida, Kimberlé focaliza sobretudo as intersecções de raça e gênero, ademais Franciscana Erê ainda dá referências a Patrícia Hill Collins que aponta que a interseccionalidade é uma das formas de combater as opressões múltiplas e imbricadas, e portanto como um instrumento de luta política. É nesse sentido que Patricia Hill Collins (2014) considera a interseccionalidade ao mesmo tempo um "projeto de conhecimento" e uma arma política.

E quando eu fui me apropriar do conceito de interseccionalidade, não é pensar essas categorias somente como processos estabilizados que não são mutáveis, mas é pensar em uma perspectiva epistemológica, já dizia a Patrícia Hill Collins é pensar em uma ruptura sobre uma perspectiva epistemológica de produzir sobre essas categorias sociais, de como o meu corpo é afetado de opressões seja de machismo, transfobia, e de racismo, e em questões territoriais e transformar isso em luta, seja na forma de uma luta através do movimento social, ou seja na escrita acadêmica, e reverberar isso em luta. (Franciscana Erê)

É refletindo justamente nesta perspectiva interseccional que irei aludir os corpos das travestis e transexuais, que ainda ocupam as margens da estrutura social. Principalmente o Brasil por ser o país que lidera o ranking mundial de assassinatos contra travestis e transsexuais. Pois, o espaço reservado a homens e mulheres transexuais, e a travestis, é o da exclusão extrema, sem acesso a direitos civis básicos, sequer ao reconhecimento de sua identidade, e acima de tudo o ceifamento contra seu corpo, que é marcado socialmente como uma perturbação da ordem social. E as encruzilhadas de opressões, como enfatiza Fafá no seguinte trecho:

É difícil mudar a institucionalidade porque ainda somos “poucos”, mexer com um sistema também requer muito esforço, e muita colaborações de pessoas aliadas, ainda mais em um sistema que é racista, extremamente patriarcal, e lhe dar também com a questão do racismo é muito complicado, apesar da gente também estar se colocando como trans, não podemos esquecer e ao mesmo tempo não deixam que a gente esqueça, que nós também somos um corpo negro, um corpo que é preterido de um forma que é dupla, por não seguir um padrão, por não ter uma cor que agrada a maioria da população. A gente está na rua com medo de morrer, mais também com medo de morrer por dois motivos; por ser confundidos com bandidos, por ser agredido porque é negro, e agredido porque é trans. Viver socialmente é muito difícil, é difícil que se mantenhamos vivos dentro disso, seja porque nos matam diretamente, porque tiram literalmente nossas vidas, ou porque nos matam tirando a nossa liberdade de ser quem a gente é, de falar o que a gente quer falar, de nos relacionar com o mundo. É também uma espécie de morte, de nos deixar presos dentro de casa, de não nos colocar no mercado de trabalho, nos levam tanto para a marginalidade, pois não poder viver com dignidade, é uma espécie de morte. (Fafá)

“Viver” sendo alvo de várias opressões, assim denuncia Fafá homem transgênero negro, que sua luta cotidiana é para não morrer, e enfatiza as mortes simbólicas e físicas que todos(a) enfrentam dentro dessa estrutura transfóbica e racista. E as múltiplas opressões perpassadas ao seu corpo.

A gente nunca pode deixar de citar, as questões raciais, não é que queiramos dizer que fulano sofre mais do que ciclano, mais é realmente você perceber que existe toda uma estrutura que é uma coisa bem óbvia. Ok, você ser trans é complicado é, mas se você é uma pessoa trans negra já vem várias outras questões a mais, então, você sofre muito mais ainda com isso, que é óbvio, não é questão de querer sofrer mais do que ninguém, pois ninguém quer isso, mas é uma questão realmente de você perceber, que existe várias questões e que uma coisa não pode invisibilizar a outra. (Yara)

Durante as nossas conversas Yara, caracterizou como é ser trans e negra, e ao mesmo tempo ser perpassada por várias opressões, e chama a atenção que existe várias questões, de um corpo que é cruzado por múltiplas identidades. Nesta questão discutida por Yara, a todo momento vinha na minha cabeça as contribuições de Stuart Hall (2015) sobre as concepções identitárias a partir da relação com outros sujeitos e experiências que denomina como sujeito pós-moderno. Ou seja, do sujeito que não possui uma identidade unificada e estável, mas sim fragmentada e composta por várias identidades, por vezes contraditórias e não resolvidas. Contudo Yara reforça que uma questão não deve invisibilizar a outra, isto é, não é uma questão de quem sofre mais, e sim evidenciar todas as opressões que esses corpos são postos através das encruzilhadas de opressões perpassada por racismo, transfobia e de machismo.

2.5. TRAVESTILIDADE É UMA POSIÇÃO POLÍTICA

A transexualidade e a travestilidade⁸ por serem fenômenos que desafiam as convenções sociais, pautadas em ideais heteronormativos, tornam-se temas bastante complexos, envolvendo corpo, identidade e gênero e, assim indica franciscana:

⁸ A travestilidade, é referente às pessoas travestis, é uma expressão de gênero que difere da que foi designada à pessoa no nascimento, assumindo, portanto, um papel de gênero diferente daquele sugerido pela sociedade, que objetiva transicionar para uma expressão fora dos modelos heteronormativos.

Eu escolhi a travestilidade porque eu não sou nem oco (homem), e eu também não quero ser uma mapô (mulher cis), até porque eu não sou uma pessoa cis, eu não tenho esse direito de me colocar dentro do conceito da passabilidade⁹, nem se passar por branca porque eu não sou branca, e jamais quero ser, e nem me passar por uma mapô cis, eu sou uma mulher travestir, eu sou uma travestir, eu sou a Franciscana, e eu tenho referência nisso com a Linn da quebrada. Fui permitindo isso, e é você perceber, até que ponto você foge de um binarismo de gênero, e ao mesmo tempo, querer afirmar outro binarismo, então, eu sou eu, eu sou a travestir, a Franciscana trava negra. Mas também não deixo de ser mulher, porque eu estou na performance, e o lugar da demarcação da travestir para mim é um lugar político, enquanto a travestilidade ela é ligada a prostituição, eu estou aqui para demonstrar que ser trava é também estar dentro do espaço acadêmico, produzindo conhecimento. (Franciscana Erê)

A Franciscana Erê então preconiza uma aceitação pelo seu gênero feminino, mas não enquanto mulher cis, e sim como uma mulher travesti, ou uma pessoa do gênero que independe de seu sexo biológico, que está para além dessas representações de feminilidade. Franciscana indica um conhecimento arqueológico sobre o seu próprio corpo, e reivindica o lugar da travestir na sociedade, e mostra que pode ocupar qualquer espaço, e aponta que o ser travesti, ainda estar muito associada somente a prostituição, mas ela rompe barreiras, e diz que lugar de travestir, é também dentro dos espaços educacionais produzindo conhecimento.

2.5.1. AQUENDANDO AS DIFERENÇAS ENTRE TRANS E TRAVESTIS

As diferenças entre transexuais e travestis não se resumem apenas na realização ou não de uma cirurgia. Há mulheres e homens trans que desejam a cirurgia, porém existem os(a) que não optam e não deixam de ser homens ou mulheres trans e travestis. Para além de distinção de identidades. Berenice Bento (2012) entende a cirurgia como uma forma de controle e produção da normatização da sexualidade, ou seja, uma forma dos corpos existirem correspondendo dicotomia, e que só pode ser de caráter cisgênero e heterossexual.

⁹ Segundo definido por Eva e partilhado por outras travestis, a “passabilidade” quer dizer que algumas travestis, mulheres e homens trans são passáveis de serem “confundidos” com homens ou mulheres cis. “A questão da passabilidade, é em relação de que nem todos nós somos passáveis entendeu? Tipo, tem homens e mulheres trans que são passáveis, que a sociedade nem nota, que é bem mais “aceito”, mas a sociedade não é somente formada por trans passáveis” (Eva)

Ser trans vai bem além do que uma genitália, as pessoas julgam bastante, quem não é operada. Ser trans estar na mente, estar dentro do consciente da pessoa, muitas pessoas julgam bastante isso, a pessoa é trans mais não é operada, as pessoas não consideram trans, mais não, existe muitas mulheres trans que não são operadas e que se sentem bem com isso, eu particularmente mim sinto bem com a minha genitália, e na hora do sexo eu gosto de mim sentir tocada, gosto de receber prazer, pois afinal eu não sou nenhum animal e nem um objeto sexual, assim como eu dou prazer eu gosto de receber, afinal eu sou um ser humano que tem sentimentos, e que independente de ser trans ou não, eu mereço respeito e dignidade. (Eva)

Eva explica que o ser trans é para além da genitália, indo contra a um pensamento determinista das divisões dos sexos sendo entendidas: pênis, masculinidade, logo um homem; vagina, feminilidade, logo uma mulher¹⁰. Para ela as identidades de gêneros estão para além, apontando que é um processo que envolve o seu corpo e mente, e logo em seguida afirma, que não se sente incomodada com a sua genitália, e na hora da afetividade sexual gosta de se sentir tocada, desejada e receber prazer de forma recíproca.

3. ROTEIRO

- A) Compreender, por meio das narrativas de pessoas travestis e transexuais sobre as suas memórias de escola, como elas significam e ressignificam seus corpos e as experiências vividas no espaço escolar.
- B) Ocupar os espaços de poder, a educação como transformadora da realidade.
- C) Corpos em construções constantes, sobrevivências dentro de uma estrutura violenta perpassada por múltiplas opressões.

4. ENSAIO FÍLMICO

Para a realização do audiovisual foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cada um das(o) participantes, nas quais os processos de suas vivências foram enfocados. Nesse sentido, o diálogo que se estabeleceu entre as participantes da pesquisa configurou-se como uma situação da produção de linguagem, num contexto em que cada participante teve um excedente de visão, que complementou e interferiu em suas próprias formas de significar a

¹⁰ De acordo com a Berenice Bento (2011) os gêneros inteligíveis se refere a seguinte lógica: vagina-mulher-feminilidade versus pênis-homem-masculinidade. Os gêneros inteligíveis estão condicionados à heterossexualidade, e essa precisa de complementariedade dos gêneros para justificar-se como norma.

realidade. Num estudo no qual o objetivo é a imersão na experiência do outro, buscando captá-la nos termos desse outro que é sujeito, mas também construtor de conhecimentos.

A metodologia utilizada é o do modo de fazer e pensar do documentarista Eduardo Coutinho em filmar a palavra em ato, o presente dos acontecimentos e a singularidade das(o) personagens, pois Eduardo Coutinho não filma para produzir conhecimento no sentido conceitual. Ele apenas mostra rostos e vozes que “são livres para não caber nos limites das sínteses” (Salles, 2004).

A minha relação com as(o) interlocutoras(e) se deu a partir de um sentimento de confiança, uma vez que algumas delas já eram pessoas da minha rede pessoal de relação, e esse foi um motivo para que possibilitasse a realização da produção fílmica, as pessoas participantes foram localizadas a partir dessa rede de contatos e posteriormente através das indicações das(o) próprias(o) participantes. O diálogo que se estabeleceu entre mim e as participantes da pesquisa configurou-se como uma situação da produção de linguagem, e as formas de significar a realidade. Pois, atribuir um sentido dentro das possibilidades do conhecimento, viabilizou que suas vivências adquirissem um significado não só hermenêutico, mas também político, designadamente se pensarmos nas potenciais implicações para o campo educativo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresenta diversas trajetórias que partem de lugares diferentes, mais que compartilham uma experiência comum nas questões das negações e desumanizações nos espaços educacionais. Pois, a transfobia nas escolas e nos espaços universitários é um problema que foi vivenciado por todas(o), como a negação aos banheiros, a não respeitabilidade de acordo com suas identidades de gênero. Os resultados apresentaram que as opressões são diversas, (e, como tal, o produto de vários discursos). Corpos que são perpassados por encruzilhadas de opressões. Que a escola é uma instituição normativa marcada por regras, leis e interdições. É uma estrutura reguladora violenta aos sujeitos que desejam ocupar este espaço sendo quem são.

E a violência se intensifica quando se é transexuais ou travestis negras(o). Caracterizada por negações existenciais, estruturais e jurídicas. São múltiplas as violências cometidas contra as pessoas trans e travestis. É incessante a desumanização social, decerto seja a mais cruel, pois a questão central não é a ignorância por parte da escola, ignorar significa não saber, não ter conhecimento sobre. Nesta questão determinadas escolas e universidades, se ausentam das

responsabilidades, ou seja, nem ao menos indicam as suas falhas enquanto instituições de ensino.

As entrevistas revelaram a organização das escolas em relação aos corpos que não seguem uma norma heteronormativa. Os espaços educacionais são espaços que se ensina a reproduzir os valores hegemônicos, e é uma luta incessante para trans e travestis, então na verdade nunca se tratou de evasão, e sim, expulsões de corpos que lutam para permanecer no espaço educacional. Ademais a escola é um lugar ambíguo caracterizado por normas violentas aos corpos não hegemônicos, mas que comedido são espaços de acesso a dignidade, e reflexões críticas, o trabalho apresentou vivências majoritariamente de mulheres trans e travestis negras (os) e que atualmente algumas permanecem na educação superior, lutando para que as universidades e escolas recriem novas possibilidades de ensino, particularmente na inserção de trans e travestis nas escolas e universidades.

Porém, apesar do controle exercido pelas instituições escolares, que tendem a manter a vigência das normativas, os sujeitos, enquanto coletivos, encontram rupturas, frestas, possibilidades e nesses espaços de respiro, criam dispositivos de resistência. Essa resistência propicia aspectos singulares de vida, e na singularidade das vivências, há o rompimento com os padrões e as normas já tão conhecidas e naturalizadas. Dentre essas desconstruções e reconstruções, estão as temáticas gênero, raça e sexualidade, que em criação e expressão possibilitam o trânsito em espaços marginais, que nas suas ilegitimidades, geram potência.

Contudo refletindo junto com a pensadora Audre Lorde (1984) estamos transformando o peso do silêncio em linguagem em ação, os nossos silêncios escondem os nossos pedaços, e não podemos ficar em silêncios. Por isso, esse trabalho se torna uma potência, que a todo momento estamos falando, denunciando, e expressando como toda essa macroestrutura reguladora está errada. Corpos que importam sim, que querem ocupar todos os espaços, pois estamos reivindicando a nossa humanização, o nosso lugar no mundo. O silêncio se tornou luta.

Assim, também é importante destacar aqui o meu lugar de fala nesta pesquisa, como eu me sinto como sujeito e pesquisador diante das questões tratadas, assumindo também que é reforçar os privilégios pelos quais o meu corpo não deixa de ser atravessado principalmente por ser branco.

Portanto, também como pesquisador devo me posicionar, e me perguntar cotidianamente: Qual a minha ação política? Somos seres sociais. O conhecimento é uma arma poderosíssima, então está discutindo as questões de gênero, classe e raça e como essas questões impactam nos corpos, é se posicionar e sair do campo somente do discurso, e ir para o que importa. (A ação!)

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis na Escola: Assujeitamento e Resistência à Ordem Normativa**. Tese (doutorado) –Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2012.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012

BENTO, Berenice. **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença**. Rev. Estud. Fem. vol.19 no.2 Florianópolis May/Aug. 2011

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003 [1990].

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade O Uso dos Prazeres** (Vol. 2). Rio de Janeiro: Graal, 1984.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **A influência das línguas africanas no português brasileiro**. In: Secretaria Municipal de Educação – Prefeitura da Cidade do Salvador. (org.). Pasta de textos da professora e do professor. Salvador: Secretaria Municipal de Educação, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

SALLES, João Moreira. Prefácio. In: LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho**. Televisão, cinema e vídeo. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. p.7-10.

Audre LORDE- "**Irmã Extranjeira**" (**Sister Outsider**), **Ensaio e Conferências, 1984**. Apresentação lida no painel sobre Lesbianismo e Literatura, da Associação de Língua Moderna, em Chicago, Illinois, 28 de dezembro de 1977, publicada pela primeira vez em 1978, no volume 6 de *Sinister Wisdom*, revista de feminismo radical.

SIMÕES, Júlio A.; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: do homossexual ao movimento LGBT**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. **Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color**. *Stanford Law Review* 43(6), 1991, p. 1241–99.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Intersectionality**. Cambridge, UK: Polity, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

